

The background of the cover features a person's face in profile, looking towards the right. Overlaid on the scene is a 3D bar chart with several bars of varying heights, and a red line graph that peaks and then declines. The entire scene is bathed in a blue and teal light, with a grid of binary code (0s and 1s) visible in the lower half.

MDS RESEARCH SITUAÇÃO ECONÓMICA EM PORTUGAL

JUNHO 2020



SITUAÇÃO ECONÓMICA EM PORTUGAL

CONTEÚDOS

INTRODUÇÃO

DESTAQUES

I. SITUAÇÃO ATUAL

II. PERSPECTIVAS DE FUTURO

III. GESTÃO DE RISCO

IV. CARACTERIZAÇÃO
DAS EMPRESAS PARTICIPANTES

CONCLUSÕES



INTRODUÇÃO

Todas as instituições de política económica nacionais e internacionais antecipam uma redução acentuada do Produto Interno Bruto (PIB) português em 2020, com as estimativas de contração a variarem entre os -6,8% e os -9,5%.

Mas qual o impacto económico da pandemia nas empresas? O que estão elas a fazer para superar a situação? Quais as suas expectativas em relação ao futuro? Quais os principais riscos que identificam para a sua atividade?

Consciente da excecional situação social e económica que atravessamos, bem como da necessidade de dar voz às empresas e retratar fielmente a sua realidade, a MDS lançou o estudo «*MDS Research - Situação Económica em Portugal*».

Esta análise envolveu a realização de um inquérito a mais de uma centena de empresas e vem fornecer uma visão mais clara sobre a verdadeira situação atualmente vivida no mundo empresarial português, ao mesmo tempo que dá a conhecer as expectativas dos empresários e gestores e apresenta os principais riscos por estes identificados.

Realizado tendo em conta as medidas de desconfinamento e de retoma da atividade económica implementadas a partir de 1 de junho de 2020, o estudo desenvolvido pela MDS contou com a colaboração da Câmara de Comércio e Indústria Portuguesa (CCIP) e da BA&N Research.

O estudo apresenta a situação atual das empresas, as suas expectativas de futuro e a sua perceção relativa à gestão de risco.

Acreditamos que os resultados apresentados são uma mais-valia para os decisores económicos, políticos e empresariais, pois permitem criar conhecimento e fornecem uma perceção real em relação ao futuro, enriquecendo os processos de tomada de decisão.

Seja qual for o futuro, enquanto multinacional portuguesa líder na consultoria de seguros e gestão de risco, a MDS continuará empenhada no apoio ao tecido empresarial português, seja fornecendo informação relevante, seja apoiando o desenvolvimento das empresas através das soluções adequadas às suas necessidades de gestão e transferência de risco.

José Manuel Dias da Fonseca
CEO MDS Group



DESTAQUES

47%

Empresas que registaram uma redução ou encerramento da sua atividade.

5,2%

Empresas que aumentaram a sua atividade.

1 a 3 anos

Tempo estimado de regresso aos níveis de atividade pré-pandemia.

**25%
a 40%**

Redução estimada do volume de negócios no segundo semestre de 2020.

73%

Empresas que esperam uma redução do seu volume de negócios no período no segundo trimestre e no segundo semestre.



61,7%

Empresas que estimam um nível de atividade inferior nos próximos 12 meses.

Riscos + Relevantes

- Continuidade do negócio
- Saúde dos colaboradores
- Crédito a clientes
- Risco cibernético

3,5%

Empresas que admitem vir a realizar despedimentos [versus 2,6% que preveem criar emprego].

Principais Preocupações

- Nível de liquidez e situação de tesouraria das suas empresas
- Falta de encomendas
- Pagamento de salários

56,5%

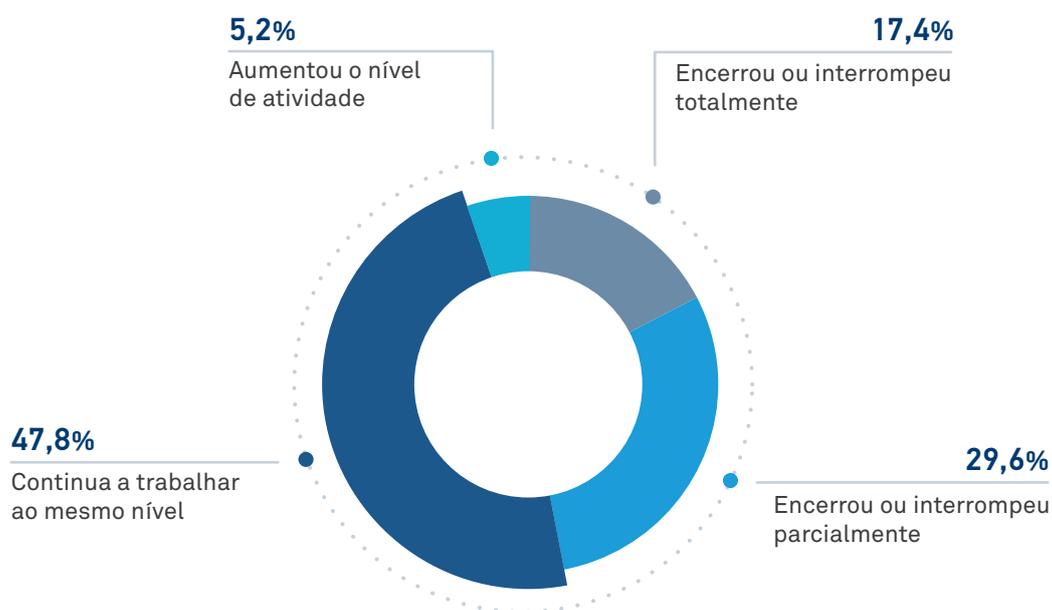
Empresas que estimam um corte ou suspensão total do investimento nos próximos 12 meses.



I. SITUAÇÃO ATUAL

1 | Face à pandemia da COVID-19 como está a desenvolver a sua atividade?

NÍVEL ATUAL DE ATIVIDADE

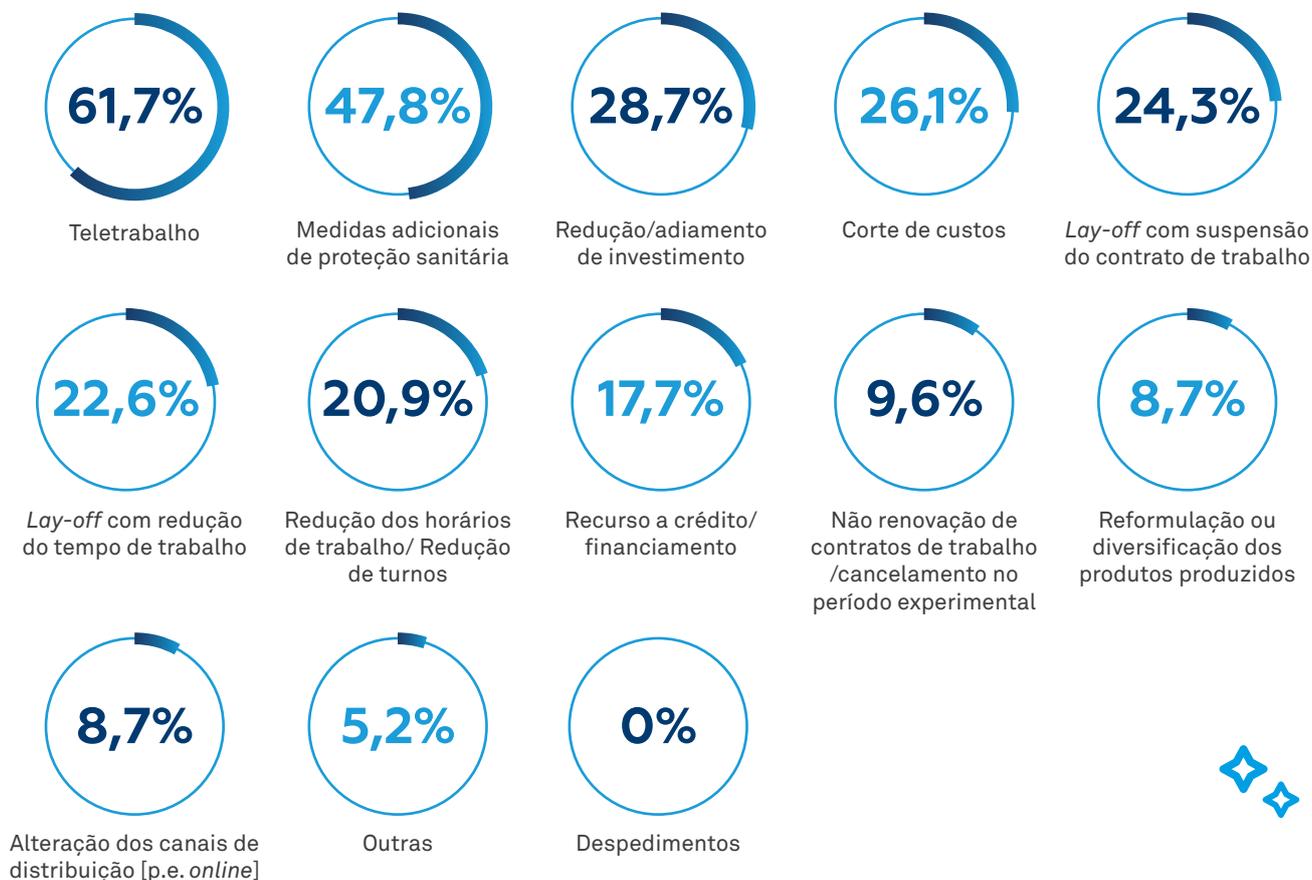


O nível médio da atividade das empresas registou uma diminuição em resultado da pandemia e das limitações decorrentes da mesma, dado que **47%** das empresas assinalaram uma redução da sua atividade, enquanto apenas **5,2%** referem que registaram um incremento da mesma.

As dificuldades nas cadeias de abastecimento, a par do confinamento obrigatório e das limitações impostas pelo Estado a certas atividades económicas, conduziram a que **17,4%** das empresas tenham encerrado ou interrompido totalmente a sua atividade. No entanto, quase metade das empresas (**47,8%**) indica que manteve o nível de atividade.



2 | Quais as medidas que adotou para responder aos constrangimentos da pandemia?



A pandemia e as limitações ao exercício da atividade económica obrigaram as empresas a adotarem inúmeras medidas para responder aos constrangimentos vividos.

O Estado impôs o teletrabalho como uma medida obrigatória para todas as funções em que tal fosse possível, o que contribuiu para que essa se tornasse na medida mais adotada pelas empresas (por **61,7%**). Ou seja, pelo menos três em cada cinco empresas implementaram o teletrabalho.

Cerca de metade das empresas (**47,8%**) também tomaram medidas adicionais de proteção sanitária, com o intuito de salvaguardar os seus colaboradores e clientes.

A incerteza existente teve também impacto ao nível dos investimentos, com **28,7%** das empresas a referirem que reduziram ou adiaram investimentos.

De forma a ajustar a sua atividade, **26,1%** tomaram medidas gerais de corte de custos.

O inquérito revela também o recurso das empresas aos mecanismos de apoio do Estado, com **24,3%** das empresas a referirem o recurso ao *lay-off* com suspensão do contrato de trabalho e **22,6%** ao *lay-off* com redução do tempo de trabalho. Esta medida de preservação do emprego protagonizada pelo Estado parece ter tido efeito, visto que nenhuma empresa admitiu a realização de despedimentos. No entanto, **9,6%** das empresas admitiu a não renovação de contratos de trabalho ou cancelamento no período experimental.

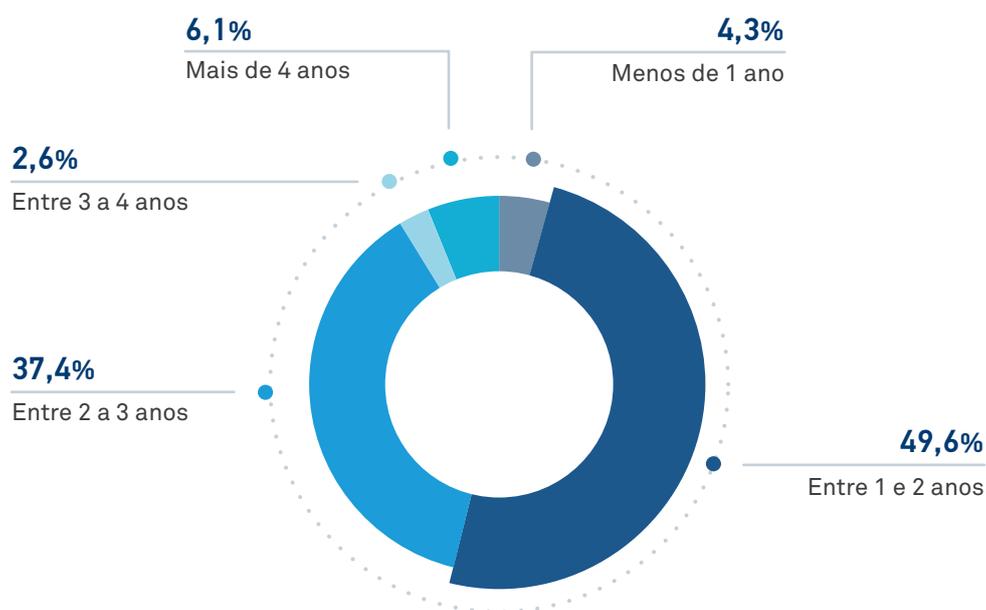
De realçar que a grande maioria das medidas tomadas pelas empresas estão relacionadas com a estrutura de custos. Apenas **8,7%** das empresas apostou na reformulação ou diversificação dos produtos produzidos, ou na alteração dos canais de distribuição, como por exemplo a exploração do canal online.

Por fim, é de salientar também que **17,7%** das empresas viram-se obrigadas ao recurso a crédito/ financiamento para fazer face aos constrangimentos da pandemia.

II. PERSPECTIVAS DE FUTURO

3 | Quanto tempo estima que demorará a economia nacional a recuperar da atual crise decorrente da pandemia COVID-19?

TEMPO DE RECUPERAÇÃO DA ATUAL CRISE



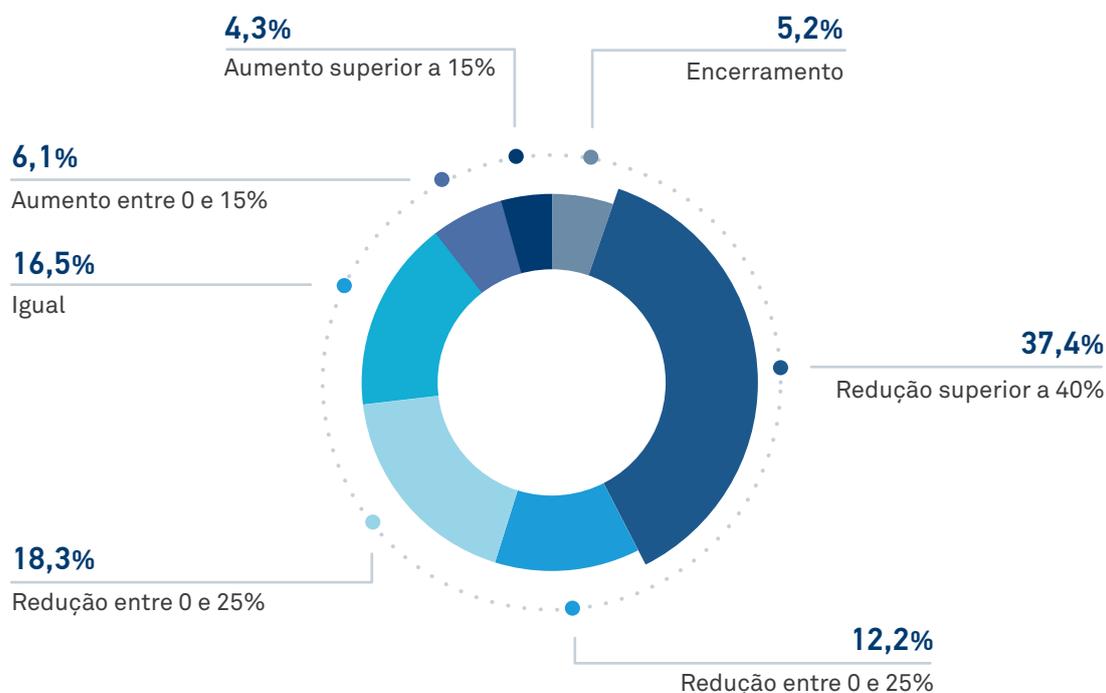
A recuperação da economia da atual crise decorrente da pandemia não deverá ser rápida. A esmagadora maioria das empresas estimam que a recuperação demore entre 1 e 3 anos: **cerca de metade** apontam para o intervalo de 1 a 2 anos e **37,4%** para 2 a 3 anos.

Apenas **4,3%** das empresas participantes esperam que a economia regresse ao normal em menos de 1 ano, um número inferior aos **6,1%** que projetam que a economia demore mais de 4 anos a recuperar.



4 | Qual o impacto que estima na evolução do volume de negócios da sua empresa no 2.º trimestre de 2020 face ao 1.º trimestre?

EVOLUÇÃO ESTIMADA DO VOLUME DE NEGÓCIOS PARA O 2º TRIMESTRE DE 2020



A crise pandémica provocou uma forte volatilidade no negócio das empresas, com impacto significativo na faturação. **37,4%** das empresas estimam uma redução superior a **40%** do volume de negócios entre o primeiro e segundo trimestre do ano, **12,2%** uma redução entre **25%** e **40%**, e **18,3%** uma redução inferior a **25%**.

Adicionalmente, **uma em cada 20 empresas** encerrou ou vai encerrar durante o segundo trimestre do ano.

Ou seja, no total, **73,1%** das empresas esperam uma redução do seu volume de negócios no período de abril a junho, face aos três primeiros meses do ano.

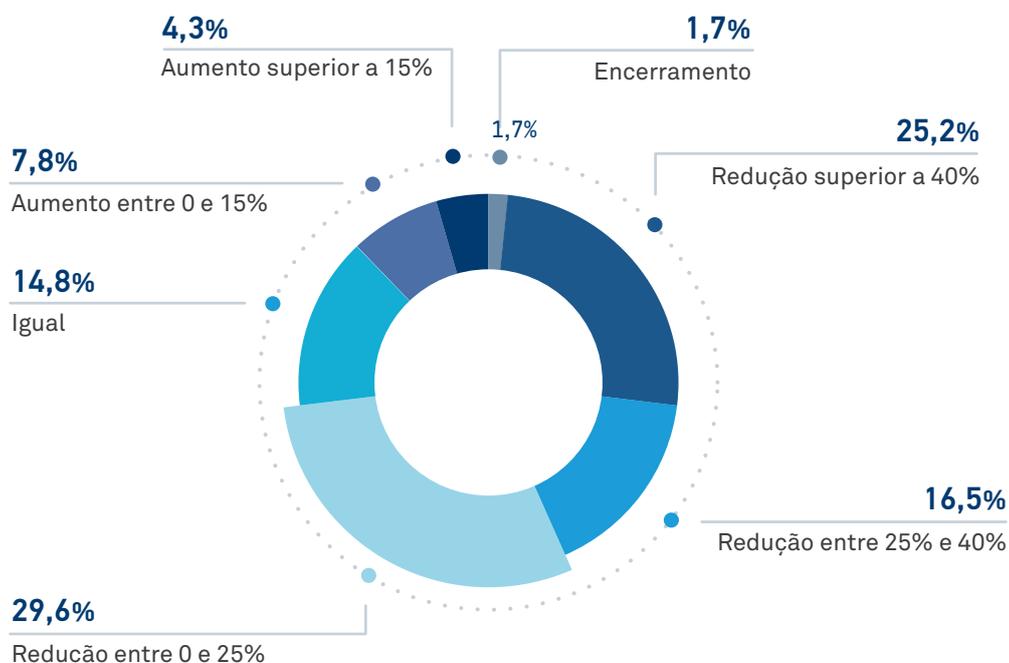
Por outro lado, **10,4%** das empresas estimam registar um crescimento do seu volume de negócio em cadeia, considerando que o segundo trimestre do ano será melhor do que o primeiro trimestre.

De realçar que o inquérito foi realizado no início de junho, pelo que as empresas já tinham, pelo menos, dois meses de atividade no segundo trimestre.



5 | Qual o impacto que estima na evolução do volume de negócios da sua empresa no 2.º semestre de 2020, face ao período homólogo?

EVOLUÇÃO ESTIMADA DO VOLUME DE NEGÓCIOS PARA O 2º TRIMESTRE DE 2020



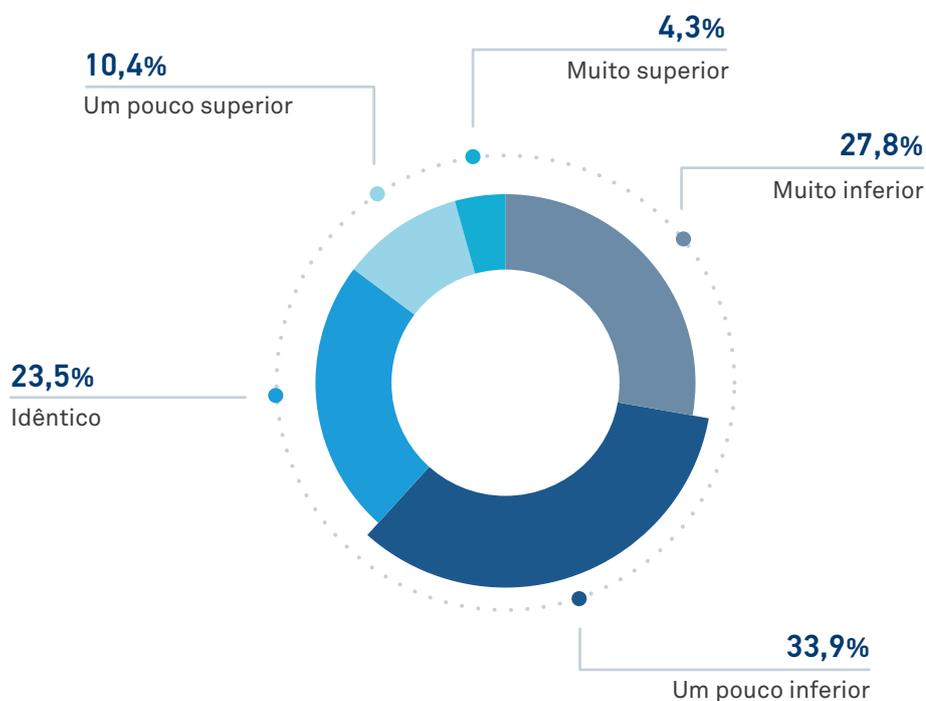
As estimativas das empresas para o segundo semestre de 2020 apontam para uma redução do volume de negócios face ao período homólogo de 2019. Cerca de três em cada quatro empresas (73%) estimaram uma diminuição das vendas, enquanto apenas 12,1% esperam aumentar e 14,8% apontam para uma manutenção do volume de negócios.

A quebra do volume de negócio tem diferentes amplitudes: 29,6% das empresas estimam uma redução entre 0 e 25%; 16,5% uma redução entre 25% e 40%; e 25,2% uma redução superior a 40%. Já 1,7% das empresas prevê o encerramento da sua atividade.

Tendo em conta a mediana da amostra de empresas que estimam uma redução do indicador, a redução do volume de negócios poderá situa-se no intervalo entre os 25 e 40%.

6 | Qual o nível de atividade que estima atingir nos próximos 12 meses?

NÍVEL DE ATIVIDADE NOS PRÓXIMOS 12 MESES



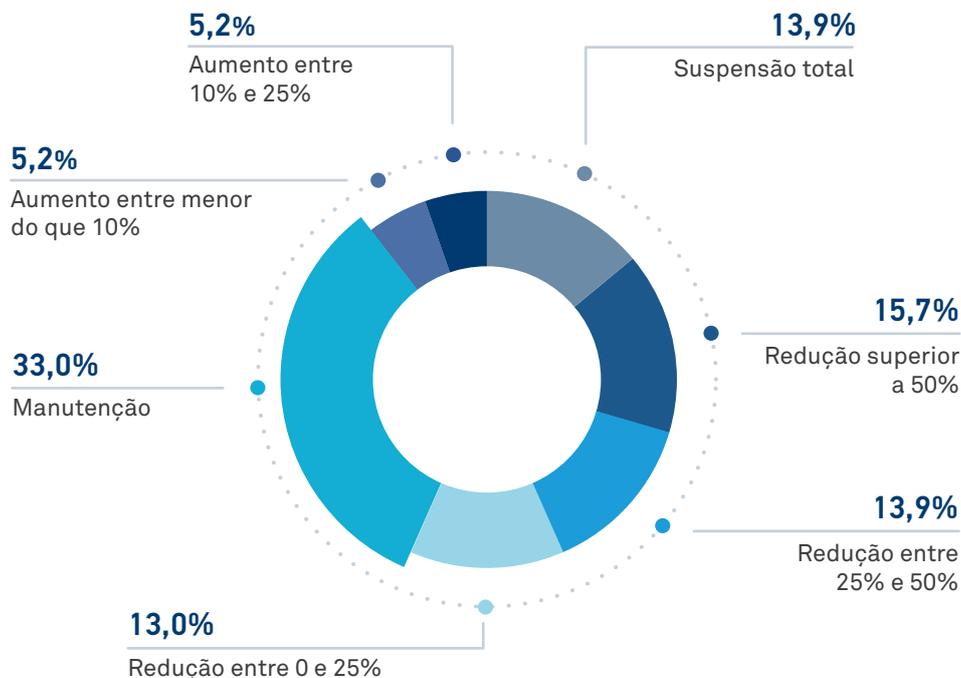
Mais de três em cada cinco empresas (**61,7%**) estima um nível de atividade inferior nos próximos 12 meses, enquanto **23,5%** esperam um nível idêntico e **14,7%** um nível superior.

Entre as empresas que responderam ao questionário, mais de **uma em cada quatro** esperam um nível de atividade muito inferior enquanto cerca de **um terço** refere um nível pouco inferior. No sentido contrário, **10,4%** esperam um nível de atividade um pouco superior e **4,3%** muito superior.



7 | Como estima que evolua o nível de investimento da sua empresa nos próximos 12 meses?

INVESTIMENTO NOS PRÓXIMOS 12 MESES



As consequências da crise no futuro estão refletidas nas expectativas de investimento dos empresários e gestores. Apenas **10,4%** das empresas estimam aumentar o investimento, enquanto **33%** espera manter e **56,5%** assumem uma expectativa de corte ou suspensão total do investimento nos próximos 12 meses.

De realçar que **13,9%** das empresas apontam para uma suspensão total dos investimentos, **15,7%** para uma redução superior a **50%**, e **13,9%** para uma redução entre **25%** e **50%**.



Já entre as empresas que planeiam reforçar o investimento, nenhuma espera um aumento superior a **25%** do montante aplicado no desenvolvimento do negócio.



8 | Quais as medidas que pensa adotar e/ou manter para responder aos constrangimentos e oportunidades da pandemia?

MEDIDAS A ADOTAR



As empresas portuguesas esperam manter muitas das iniciativas tomadas para fazer face à pandemia, integrando-as no seu dia a dia. As medidas adicionais de proteção sanitária vieram para ficar, com quase metade das empresas a referir a sua manutenção.

Apesar da eliminação de funcionamento da generalidade dos sectores de atividade e do fim da obrigatoriedade do teletrabalho, **46,1%** das empresas afirma que vai manter ou adotar o teletrabalho para responder aos constrangimentos e oportunidades decorrentes da pandemia.

As empresas vão aprofundar as medidas de adaptação da sua estrutura a uma nova realidade, com **43,1%** a sinalizarem a adoção de medidas de corte de custos no futuro, face às **26,1%** que o adotam até junho (ver questão 2). As restrições ao investimento também vão aumentar, com o número de empresas a referirem esta medida a aumentar em 4,3 pontos percentuais face às medidas implementadas até junho.

Na mesma linha, **19,1%** espera reduzir os horários de trabalho ou turno, **18,3%** espera continuar a beneficiar da figura do *lay-off*, **14,8%** tem a intenção de não renovar contratos de trabalho ou cancelar no período experimental e **3,5%** admitem vir a despedir. Estas situações poderão ter impacto ao nível do rendimento das famílias e do desemprego. Ainda assim, **2,6%** das empresas espera criar emprego.

O número de empresas a recorrer a novo financiamento relacionado com a pandemia deverá diminuir, pois apenas **15,7%** das empresas referem como medida de futuro o recurso a crédito/financiamento, face aos **17,7%** verificados em junho (ver resposta 2).

De salientar ainda o aumento do número de empresas que esperam explorar novos modelos de negócio e dinamizar a sua oferta. Quase uma em cada cinco empresas (**19,1%**) vai apostar na reformulação ou diversificação dos produtos produzidos e **13%** pretende explorar canais alternativos de distribuição, nomeadamente o online.

9 | Na gestão da sua empresa quais as principais preocupações atuais?

PREOCUPAÇÕES ATUAIS

[1 = Não preocupa de todo | 5 = Preocupação máxima]

	3,72	Nível de liquidez / Situação de tesouraria		3,12	Preparação de Planos de Contingência
	3,62	Falta de encomendas dos clientes		2,95	Acesso aos apoios públicos para a pandemia
	3,57	Pagamento de salários		2,80	Risco de ataques cibernéticos
	3,45	Cumprimento dos requisitos de higiene e segurança		2,75	Abastecimento de bens necessários à produção (<i>supply chain</i>)
	3,41	Incumprimento dos clientes		2,63	Acesso a novas linhas de crédito bancário
	3,16	Custos de produção		2,47	Expedição da produção

A principal preocupação atual dos gestores e empresários é o nível de liquidez e situação de tesouraria das suas empresas, alcançando um nível de elevado, com **38,3%** das empresas a classificarem-se mesmo como uma preocupação máxima (5 pontos numa escala de 1 a 5).

A falta de encomendas dos clientes é a segunda maior preocupação das empresas, com **59,1%** das empresas a mencionarem uma preocupação elevada (4 pontos) ou máxima (5 pontos).

Em terceiro lugar está o pagamento de salários, com mais de um terço das empresas a classificarem esta situação como uma preocupação máxima.

Do lado oposto, a expedição da produção, o acesso a novas linhas de crédito bancário e o abastecimento de bens necessários à produção apresentam níveis de preocupação inferiores à média. No entanto, em empresas do sector industrial, o nível de preocupação no que diz respeito à expedição da produção e à *supply chain* é alto.



III. GESTÃO DE RISCO

10 | Quais os riscos cuja cobertura seria benéfica para a sua empresa, de modo a enfrentar situações imprevistas como as vividas nesta pandemia?

RISCOS



A pandemia veio despertar as empresas e os seus gestores para os riscos a que estão expostos e para a sustentabilidade dos seus negócios. Esta ilação está patente nas respostas ao inquérito, pois quando questionados sobre as coberturas que seriam benéficas para fazerem face a situações imprevistas como as vividas nesta pandemia, metade (**50,4%**) das empresas assinalou a necessidade da cobertura de Continuidade de negócio.

A Saúde dos colaboradores também foi identificada como um dos principais riscos cuja cobertura seria essencial, com quase metade das empresas (**47%**) a identificarem essa necessidade.

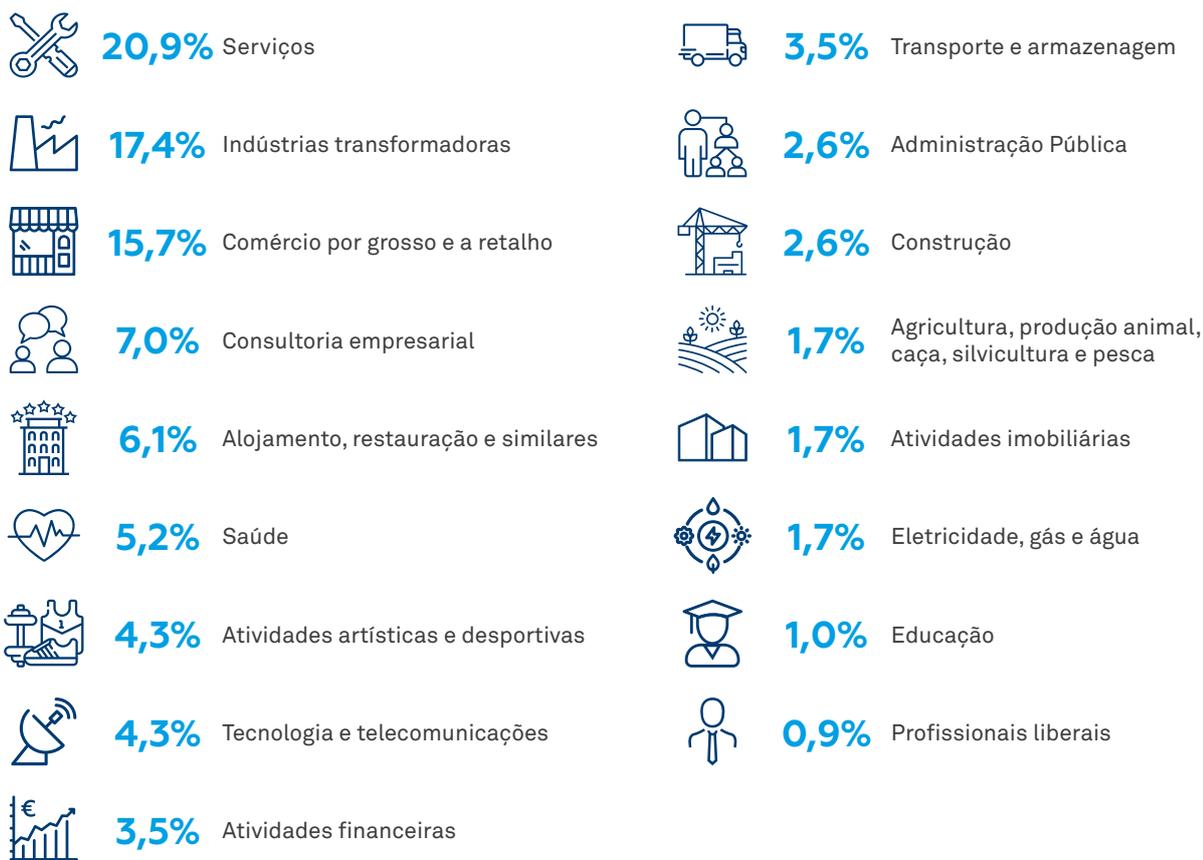
O crédito a clientes também foi reconhecido com um risco relevante, tendo sido mencionado por **43,5%** das empresas.

De realçar que mais de um terço (**34,8%**) das empresas sinalizou o risco cibernético, o qual se terá tornado ainda mais relevante com a adoção do teletrabalho e o crescente número de ataques que vieram a público.

Do lado oposto, os riscos de câmbio, patrimonial e ambiental forma considerados pelas empresas menos necessários de cobrir durante a pandemia, o que pode ser explicado pela redução da atividade e pelo foco nos riscos diretamente relacionadas com a pandemia.

IV. CARACTERIZAÇÃO DAS EMPRESAS PARTICIPANTES

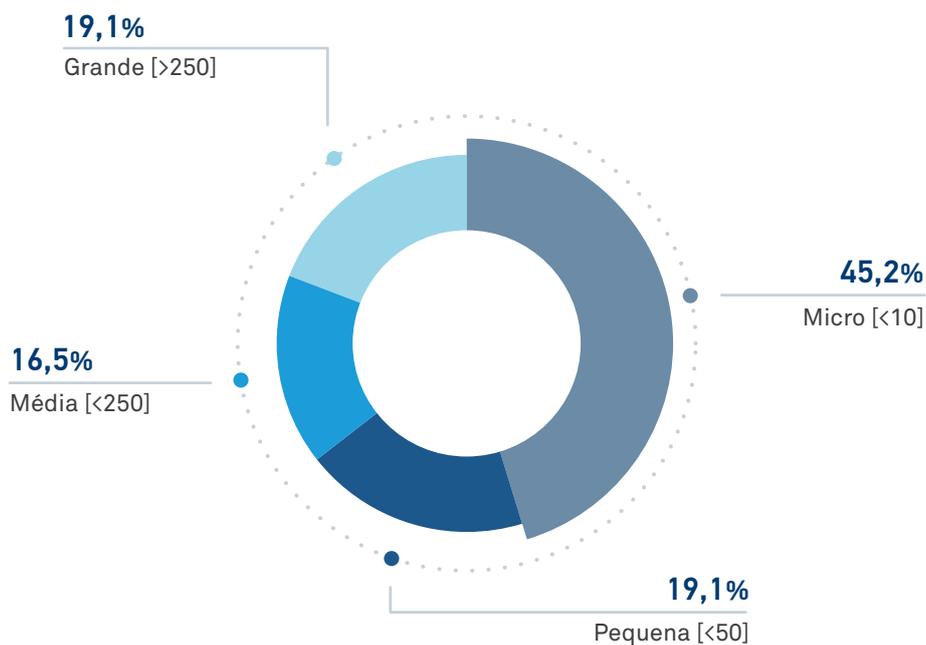
SECTORES DE ATIVIDADE



O estudo «MDS Research - Situação Económica em Portugal» tem por base um questionário realizado junto do tecido empresarial português, envolvendo 115 empresas dos mais variados sectores de atividade, com especial incidência nos serviços, nas indústrias transformadoras e no comércio por grosso e a retalho.



DIMENSÃO POR NÚMERO DE COLABORADORES



Além da diversidade de sectores, a amostra inclui empresas de diferentes dimensões, retratando o tecido económico nacional. **45,2%** dos participantes foram microempresas, **19,1%** pequenas empresas, **16,5%** empresas de média dimensão e **19,1%** empresas de grande dimensão.





CONCLUSÕES

O tecido empresarial português está a enfrentar uma crise sem precedentes, com redução significativa da atividade. As empresas com redução da atividade ascenderam a **47%**, sendo que **17,4%** das encerraram ou interromperam totalmente o seu funcionamento. Menos de metade das empresas conseguiram manter o seu nível de atividade, mas uma pequena franja (**5,2%**) conseguiu crescer à sombra da pandemia.

A generalidade das empresas teve de implementar medidas para responder aos constrangimentos, seja por imposição legal, como o caso do teletrabalho e de medidas de proteção sanitária, seja porque a solidez financeira das empresas foi afetada. A redução do investimento, o corte de custos e o recurso ao *lay-off* estão entre as principais medidas adotadas, sendo relativamente reduzido a percentagem das empresas que procuraram novas formas de fazer negócio e de reformular a sua oferta.

As expectativas dos empresários e gestores é de que a recuperação da economia nacional será em «U», demorando entre 1 e 3 anos a regressar aos níveis de atividade anteriores.

A crise pandémica provocou uma forte volatilidade no negócio das empresas, com impacto significativo na faturação. No total, **73,1%** das empresas esperam uma redução do seu volume de negócios no período de abril a junho, face aos três primeiros meses do ano. Por outro lado, **10,4%** das empresas espera registar um crescimento dos seus volumes de negócio.

A redução dos níveis de atividade deverá continuar durante a segunda metade do ano, com cerca de três em cada quatro empresas (**73%**) a estimarem uma diminuição das vendas, enquanto apenas **12,1%** esperam um aumento. Tendo em conta a mediana da amostra de empresas que estimam uma redução do indicador, a redução do volume de negócios no segundo semestre do ano poderá situar-se no intervalo entre os **25%** e **40%**.

No entanto, as estimativas dos empresários e gestores é de uma gradual recuperação, pese embora longe dos níveis pré-pandemia. Mais de três em cada cinco empresas (**61,7%**) estima um nível de atividade inferior nos próximos 12 meses, enquanto **23,5%** esperam um nível idêntico e **14,7%** um nível superior.



EMPRESÁRIOS E GESTORES ESTIMAM UMA RECUPERAÇÃO GRADUAL



A PRINCIPAL PREOCUPAÇÃO ATUAL DOS GESTORES E EMPRESÁRIOS É O NÍVEL DE LIQUIDEZ E SITUAÇÃO DE TESOURARIA

OS PRINCIPAIS RISCOS SÃO A CONTINUIDADE DO NEGÓCIO, A SAÚDE DOS COLABORADORES, O CRÉDITO A CLIENTES E O RISCO CIBERNÉTICO

As consequências da crise no futuro estão refletidas nas expectativas de investimento dos empresários e gestores. Mais de metade das empresas (**56,5%**) assumem uma expectativa de corte ou suspensão total do investimento nos próximos 12 meses.

As empresas portuguesas esperam manter muitas das iniciativas tomadas para fazer face à pandemia, integrando-as no seu dia a dia, como as medidas sanitárias e o teletrabalho, que poderá contribuir para reduzir os custos. Aliás, as empresas esperam aprofundar a adaptação da sua estrutura à nova realidade, com **43,1%** a sinalizarem a adoção de medidas de corte de custos no futuro, face às **26,1%** que o adotam até junho.

Ao nível dos recursos humanos, os atuais instrumentos como o *lay-off* ou a redução de horário e turnos continuarão a fazer parte da vida de algumas empresas, sendo que apenas **3,5%** admitem vir a realizar despedimentos e **2,6%** ter uma posição inversa, criando emprego.

A principal preocupação atual dos gestores e empresários é o nível de liquidez e situação de tesouraria das suas empresas, seguindo-se a falta de encomendas e o pagamento de salários. Em alguns sectores, como o industrial, a expedição da produção e o abastecimento são também alvo de grande preocupação, pois colocam em causa o funcionamento das unidades.

O estudo «MDS Research - Situação Económica em Portugal» revela também que os empresários e gestores estão preocupados com a sustentabilidade dos seus negócios, identificando como os principais riscos da sua atividade, passíveis de ser cobertos, a continuidade do negócio, a saúde dos colaboradores, o crédito a clientes e o risco cibernético.





SOBRE A MDS



A MDS é um grupo multinacional que atua na área da corretagem de seguro e resseguro e consultoria de riscos, presente em mais de 100 países. É líder de mercado em Portugal, um dos maiores *players* no Brasil e está diretamente em Angola, Moçambique e Espanha, Malta e Suíça. Através da Brokerslink, empresa global de corretagem fundada pelo grupo e que integra cerca de 18.000 profissionais de seguros, responde às necessidades dos seus clientes nas mais diversas geografias e sectores.

O grupo integra também a MDS RE, companhia especializada em resseguro que presta serviços na Europa, América e África, e a RCG - Risk Consulting Group, uma referência na análise de riscos, controle de perdas, plano de continuidade de negócios e *enterprise risk management*. Através da HighDome, uma Protected Cell Company (PCC), a MDS oferece soluções alternativas de transferência de riscos ao mercado tradicional de seguros. A MDS atua também na área de gestão de benefícios e benefícios flexíveis, através das empresas 838 Soluções e Ben's (Brasil) e Flexben (Portugal).

Mais informações em www.mdsinsure.com

Porto – Sede

Av. da Boavista, 1277/81, Piso 0, 4100-130 Porto

E-mail: mds@mdsinsure.com

Tel: +351 226 082 410



Lisboa

Praça Marquês de Pombal, nº 3A - 4º andar,
1250-161 Lisboa

Tel: +351 210 108 100

Coimbra

Rua Padre Estêvão Cabral, 120 - 3º Sala 302,
3000-316 Coimbra

Tel: +351 239 841 507



www.mdsinsure.com

MDS

Porto | Sede

Av. da Boavista, 1277/81, Piso 0 | 4100-130 Porto
mds@mdsinsure.com | Tel: +351 226 082 410

Lisboa

Praça Marquês de Pombal, nº 3A - 4º andar
1250-161 Lisboa | Tel: +351 210 108 100

Coimbra

Rua Padre Estêvão Cabral, 120 - 3º Sala 302
3000-316 Coimbra | Tel: +351 239 841 507